

ENTREVISTA



Prof. Dr. Francisco Gomes de Matos, da Universidade Federal de Pernambuco é entrevistado nesta edição pelo prof. Dr. José Marcelo Freitas de Luna, da Universidade do Vale do Itajaí.

## Apresentação<sup>1</sup>

Por sua produção, larga e valiosa, há muito conheço o prof. Gomes de Matos; na verdade, desde os meus primeiros dias de aluno de Letras, na Universidade Federal da Paraíba. Por alguns desencontros, a primeira conversa entre nós apenas se deu recentemente, quando do 10<sup>o</sup> Congresso de Língua Portuguesa, realizado na PUC/ SP, em maio de 2000.

O prof. Gomes de Matos, que para o evento havia sido convidado, como em outros anos, para uma das mesas principais, surpreendeu-se por a minha modesta apresentação se fazer presente. Sua atenção a minha fala e objeto de estudo trouxe-me uma grande satisfação e responsabilidade. Esses são sentimentos que, desde aquele dia, mantenho e valorizo, nas diversas oportunidades que tenho tido de interagir com o ilustre professor e amigo Francisco, a quem também devo o prefácio do meu primeiro livro.

A entrevista, que orgulhosamente apresentamos para o terceiro número da Revista de Educação da Univali – *Contrapontos* –, foi realizada no dia 07 de novembro de 2000. Era o segundo dia da visita curta, porém memorável, que o professor Gomes de Matos fez a nossa Universidade, em aceitação a um convite nosso, para abrir a Semana de Letras do ano 2000. Sua palestra sobre Ensino Humanizador emocionou a todos – alunos, professores e dirigentes –, assim como as ricas contribuições, passadas humildemente através de conversas com muitos de nós, ao longo das horas que precederam e sucederam a sua magistral conferência.

É, portanto, igualmente valioso o que, na forma de entrevista, apresenta-se aos senhores leitores. Pela já aludida larga produção em torno de temas complexos e atraentes, diversos e interdisciplinares, o texto se caracteriza como interessante e pertinente para o lingüista (não apenas o historiógrafo), o educador, o professor de Línguas e, especialmente, para todos nós cidadãos, pelo nosso dever de humanizar as nossas relações e o nosso ambiente.

<sup>1</sup> Por José Marcelo Freitas de Luna

**Prof. Dr. José Marcelo Freitas de Luna** - Vamos começar falando como historiógrafo. Eu tenho interesse em conhecer muito sobre o processo de institucionalização da Lingüística no Brasil, depois a Lingüística Aplicada, até chegarmos a um ponto mais central para a conversa desta tarde, que é sobre a educação Lingüística, Lingüística da Paz – sobre o que se tratou ontem na abertura da Semana de Letras na Univali. Eu proponho que comecemos a conversar sobre a sua formação como lingüista, seu egresso na Federal de Pernambuco em 56. Bacharelado em Letras Anglo-Germânica, em uma época em que a disciplina Lingüística ainda não estava institucionalizada dentro do Brasil. Como se dava a formação em nível de graduação, numa época em que a disciplina como tal ainda não fazia parte do currículo?

**Prof. Dr. Francisco Gomes de Matos** - Na realidade, a introdução da Lingüística como disciplina obrigatória no currículo mínimo de Letras foi em 62/63, por determinação do MEC. Até então, o estudo de Lingüística estava restrito a pouquíssimas universidades, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde a disciplina era oferecida por Mattoso Câmara: a disciplina Lingüística, que era oferecida em caráter eletivo – nunca como obrigatória – em pouquíssimas universidades, até quando eu fiz o bacharelado em Letras Anglo-Germânicas. Naquele tempo era bacharelado e licenciatura, três anos mais um. Eu fiz Letras Anglo-Germânicas e a minha iniciação, as primeiras leituras que eu fiz sobre Lingüística resultaram de obras e manuais distribuídos pelo Serviço de Informação dos Estados Unidos em seminários para professores de inglês. Quer dizer, como o inglês era a minha segunda língua e língua instrumento de leitura, sobre Lingüística, eu tive acesso a algumas idéias de Lingüística da época em 52/53. Eu já havia tomado conhecimento da existência de um movimento chamado Estruturalismo dos Estados Unidos da América, e recorde de um manual, que um dos pioneiros, um dos autores dos livros didáticos mais aclamados na década de 50, Edwin Cornelius, elaborou para o USIS – Serviço de Informações dos Estados Unidos –, um livro chamado *Language Teaching*, que tinha como finalidade difundir a Lingüística Norte-Americana da época entre professores de inglês. Foi o primeiro grande manual de divulgação de idéias lingüísticas, entre professores de inglês. O livro teve grande difusão na América Latina e no Brasil, principalmente no Brasil. O USIS fazia doações à rede dos centros binacionais. Em Recife, nós recebíamos os livros por doação do USIS. Esse manual de Edwin Cornelius, que se chama *Language Teaching*, livro da década de 50, era uma síntese da fonologia da época, pois que predominava a fonologia, acrescida de descrição sintática, baseada em Bloomfield. As idéias dele estavam claramente ali. Era, então, o Estruturalismo Norte-Americano trocado em miúdos. Foi um livro que teve uma grande influência na disseminação das idéias lingüísticas da corrente norte-americana. E ali tomei conhecimento e comecei a me interessar pela Lingüística, através dessas leituras, principalmente do livro de Cornelius e de outros manuais.

**Luna** - De que forma a Universidade, o curso de Letras dentro da Universidade Federal alimentava, fomentava esse interesse? Ou era um interesse particular advindo de uma motivação própria, sua?

**Matos** - Eu acho que era mais uma motivação individual, porque no curso de Letras Anglo-Germânicas a influência de professores, claro, de língua inglesa,

quanto ao cultivo de um senso de pesquisa, a ênfase era muito mais na metodologia do ensino da língua inglesa. A motivação para estudos lingüísticos, em meu caso, surgiu fora da universidade, nos seminários para professores de inglês, onde recebia tais informações e já havia uma ciência quase desconhecida na época. Somente depois de fazer o bacharelado, aliás, quando já concluí o bacharelado em 55, e fazia licenciatura, é que surgiu a oportunidade de uma bolsa. Quer dizer, a minha vocação pela Lingüística ficou realmente definida quando recebi uma bolsa chamada *State Department International Teacher Development Grant*, oferecida pelo Instituto Internacional de Educação, em parceria com o Departamento de Estado Americano, para professores de inglês de vários países. Eu lecionava inglês na Sociedade Cultural dos Estados Unidos e fui selecionado para participar desse programa de um semestre, dividido em vivência universitária e vivência cultural em várias cidades americanas. Isso em 1955, logo após a conclusão do bacharelado. Aliás, eu interrompi um semestre da licenciatura, só podendo concluí-la em 56. Mas, aí veio a mão de Deus, porque eu fui incluído entre os que iriam para Ann Arbor – Michigan. Assim, a bondade divina me levava ao primeiro grande desafio em Michigan. Em 55, nós seguimos um programa especial realizado no *The English Language Institute*, cujo diretor era Charles Fries. Lado já estava lá como assistente. Mas a primeira grande motivação decisiva, que me levou realmente a querer ser lingüista, foi ter participado como ouvinte do curso de Fries, chamado *Introduction to Linguistic Science*. Eu passava no corredor, logo nos primeiros dias, quando a gente tinha de escolher uma disciplina eletiva, aliás duas. Uma seria considerada oficial, haveria avaliação; outra poderia ser feita como ouvinte. Eu caminhava pelo corredor quando vi, numa parede, um cartaz que dizia *Introduction to Linguistic Science*. Eu li a ementa: era um curso só para quem fazia Lingüística na época; não era destinado ao nosso programa. Era um curso regular; acho que era do mestrado da época. Eu olhei e pensei: “acho que gostaria tanto de participar”. No intervalo, depois da aula, eu me dirigi ao professor Fries, e expliquei que estava em Ann Arbor para fazer o estágio no *Program for Teachers of English*, e se ele permitiria. Fries disse: “Com o maior prazer, pode vir e assistir”. Isso mudou a minha vida completamente. Foi quando minha paixão pela Lingüística tocou. Eu comecei a me apaixonar pela área e decidi, então, que poderia muito bem fazer daquilo um campo de estudos de pós-graduação.

**Luna** - Por que você... – agora, eu vou voltar ao ‘você’, sair da formalidade inicial, para dar o tom de nossa interação e vou conversar sobre sua vocação. Anteriormente à primeira saída para Michigan, não havia a percepção sobre o fazer Lingüística no Brasil; ou seja, você não se percebia como um lingüista, nenhum dos seus professores, tampouco.

**Matos** - Eu tinha lido o livro de Mattoso Câmara, *Princípios de Lingüística Geral*, que era de 54. No curso de Letras, já era mencionado, citado. Eu tinha o meu exemplar – quer dizer, alguma coisa do pensamento de Mattoso Câmara eu já conhecia. A única fonte brasileira que eu lia naquela época era Mattoso.

**Luna** - Quão autorizada era essa fonte dentro do ambiente acadêmico?

**Matos** - Era mais conhecida entre professores de português; era também um pouco conhecida entre professores de língua inglesa, que tinham recebido algumas orientações de Lingüística em seminários, dentro e fora do Brasil.

**Luna** - Bom, essa sua primeira saída para Michigan, o primeiro contato, esse despertar, essa suspeita de que seria isso a formação e conseqüentemente atuação, e logo após veio a possibilidade de sair para o mestrado...

**Matos** - Aí, durante essa permanência em Ann Arbor, em 55, no semestre de outono, eu cursei a disciplina *Language Testing*, com Robert Lado. E depois de fazer a disciplina – em que me saí muito bem –, já tinha o conhecimento do trabalho dele, porque no seminário para professores de inglês, falava-se muito da abordagem de Michigan, no *English Language Institute*, em Robert Lado. Aproximei-me bastante dele, e, ao terminar a experiência em Ann Arbor, Lado me perguntou se eu não gostaria de voltar para fazer o mestrado: “Nós podemos lhe oferecer aqui um trabalho de tempo parcial, uma *Teaching Fellowship*” – que era uma bolsa, um estágio remunerado. E claro que isso ficou na minha cabeça. Então eu pensei em voltar. Terminava a minha licenciatura em Letras. Em 57 trabalhei, ensinei inglês em cursos particulares, tinha meus alunos particulares, ainda não tinha vindo para a Universidade, eu só tinha licenciatura. Em 58, Lado me escreve e diz: “Em 59 nós queremos que você venha fazer o mestrado”. Eu prontamente aceitei, eu me candidatei. “Nós lhe daremos a passagem e já que você vai ter o *Teaching Fellowship*, você cobre as suas despesas lá perfeitamente”. Eu fui fazer o mestrado em Lingüística, sem a perspectiva de usá-lo na Universidade, porque na realidade a Universidade queria que eu ensinasse língua inglesa. Então, assim mesmo eu fui, porque já antevia usar a Lingüística no currículo. E assim foi: trabalhei como *teaching fellow*. Na realidade, ao chegar, Lado disse: “Olha, nós temos nossa revista aqui, a *Language Learning*, e ela precisa muito de ajuda, que é para endereçamento e empacotamento”. De modo que eu manuseei, assim, a revista; então, embalei a revista, fiz o endereçamento naquela época e tal, isso logo no primeiro mês. Logo depois, Lado disse: “Agora você vai ter uma responsabilidade no laboratório de línguas: nós estamos recebendo um grupo de vietnamitas...”. E aí eu trabalhei como monitor no laboratório de línguas e, em seguida, já estava na segunda fase do mestrado, e aí ele disse: “Queremos que você dê *Pattern Practice*, no ELI, a estrangeiros, que você ensine língua inglesa”. Era uma Pedagogia bem fragmentada, uma aula de *vocabulary*, uma aula de *pronunciation*, uma aula de *pattern practice*, uma aula de *culture*. Então ele disse: “Você fica com *pattern practice*” – que eu gostava muito, era muito dinâmica a coisa. E assim eu dei *Pattern Practice*, que complementou o dinheirinho que eu recebia. E aí fiz o meu mestrado.

**Luna** - Voltou em 60?

**Matos** - Voltei em 60. Já como lingüista. A então Universidade do Recife disse-me que precisava de alguém como eu para a Escola de Geologia. As leituras eram quase todas em língua inglesa, e os alunos estavam com uma dificuldade tremenda, e precisavam de alguém para traduzir os textos de Geologia, pois os alunos não conseguiam ler os textos. Tinha professores americanos na Escola, e

assim eu passei 61 e 62 ensinando inglês na Escola de Geologia. Eu fui nomeado e fui, talvez, um precursor do inglês instrumental naquele tempo. E foi em 63 que se instituiu a Lingüística como disciplina do currículo de Letras, e, aí, a UFPE disse: “Você vai assumir a disciplina”. A Paraíba, concomitantemente, disse: “Nós queremos que você venha”. Mas aconteceu um fato, que é pouco conhecido. Quando eu voltei em 60, logo depois Lado se transfere para Georgetown. Vai embora para assumir uma pró-reitoria da *Graduate School*. Ele diz: “Olha, eu estou indo para Georgetown. Você não quer me acompanhar para fazer o doutorado?” Foi uma coisa, realmente. Eu estava no Recife, trabalhando na Escola de Geologia, com portaria, nomeação do reitor... E eu digo: “Eu topo!”. Por que não? Fazer meu doutorado e trabalhar em Georgetown! Acontece que eu fui, mas aí se dá a inclusão da Lingüística no currículo mínimo. Eu estava em Georgetown, estava começando um doutorado, quando o reitor manda um recado: “Nós estamos sem uma pessoa para assumir a Lingüística”. E aí? Eu fiquei em uma situação difícil, não podia deixar o reitor na mão, eu estava noivo, iria casar, uma série de fatores. “Você elogia”, disse o reitor, “vem e assume e depois retoma seu curso, mas nós precisamos instituir, iniciar essa disciplina”. A Paraíba também queria, e aí falei a Lado. “Não, você tem razão volte, você não pode pensar em si e não pensar na sua Instituição”. Aí voltei. Eu comecei o doutorado lá, voltei, interrompi, e assumi o ensino de Lingüística em Pernambuco e na Paraíba. Então, toda a semana, eu ia para João Pessoa.

**Luna** - Dividia-se entre Recife e João Pessoa?

**Matos** - Uma vez por semana eu viajava para João Pessoa. Era só Lingüística, Introdução à Lingüística e Fundamentos, até 65, quando veio um convite para São Paulo. E aí teve início outra fase. Se não tivesse sido instituída a Lingüística no currículo mínimo, talvez tivesse ficado em Georgetown com Lado. Nós estávamos muito entrosados, e a minha intenção era prosseguir. E essa não foi a primeira oportunidade. Houve outra de ficar nos Estados Unidos. A do Lado era que eu ficasse em Georgetown; mas em 66, quando eu fui ao Texas – essa é outra história paralela –, para trabalhar no *Modern Portuguese*, o departamento de Português me ofereceu o que eles chamavam na época de o *top instructorship salary*, o mais alto salário que se pode dar a um não-doutor, para que eu ficasse. Eu faria um doutorado em Românicas, em Lingüística, e ficaria ensinando Português. Essa foi a decisão mais difícil que eu tomei até hoje em minha vida, porque era um salário excepcional. Eu estava em Austin, no verão de 66. Então, antes de voltar, bem depois de Michigan, eu já estava em São Paulo, tinha assumido a Lingüística na PUC e no Yázigi, a Direção do Centro de Lingüística Aplicada. Era julho de 66 e Fred Ellison chega para mim e oferece. Eu fiquei sem dormir, mas aí liguei para Mattoso Câmara, que era meu mentor. E ele me disse: “Não, o seu lugar é no Brasil, não concordo. Você precisa ficar, seu lugar é aqui no Brasil”.

**Luna** - Ele dizia isso, Francisco, você acha, motivado pela tarefa que a Lingüística tinha a cumprir dentro do Brasil?

**Matos** - Nós convivíamos há 3 anos. Em 63, o primeiro encontro foi em Cartagena das Índias, lá na Colômbia, quando se deu a formalização do PILEI, e aí nós

ficamos muito próximos. Em 63, estivemos juntos na Colômbia; em 64, em Bloomington; em 65 eu fui aluno dele em Montevidéu como muita gente que foi aluno dele fora do Brasil; em 66, houve o Seminário Brasileiro de Lingüística, em São Paulo; em janeiro, em julho eu fui para Austin para escrever o livro *Modern Portuguese*, com Raquel Queiroz e outros. Aí, foi quando o Fred Ellison da Universidade do Texas diz: “Queremos você, é um salário irrecusável, você faz seu doutorado. Você tem que ficar”. Eu pedi 48 horas de prazo, e decidi por não ficar e voltar para São Paulo; mas Mattoso tinha me ajudado a decidir: “Você está assumindo o Centro de Lingüística Aplicada aqui, você tem uma missão, uma tarefa, você não pode deixar isso”.

**Luna** - Missão, tarefa da Lingüística. E esse momento, a Lingüística Aplicada...

**Matos** - Não me desviei. O meu ideal era aquele, o Yázigi me dava a faca e o queijo na mão, para o que eu queria realizar; deu-me carta branca, mas foi difícil, porque havia, por um lado, o sonho de fazer meu doutorado, no Texas, um salário excepcional... Mas, passou.

**Luna** - Você voltou e assumiu a direção do Yázigi?

**Matos** - Já era. Em março de 66, eu já assumia a Direção do Centro de Lingüística Aplicada e a Lingüística na PUC, onde fui o primeiro professor de Lingüística. Depois, quando surgiu isto, no verão de 66, eu já estava em São Paulo com Helen. Então era uma mudança, uma outra grande mudança que haveria em minha vida. E Mattoso, categórico, tinha insistido que de jeito nenhum eu saísse do Brasil. E não me arrependi até hoje.

**Luna** - Vamos falar um pouco sobre o Instituto. Falemos, então, de sua experiência junto ao Instituto Yázigi, no momento em que havia tudo para ser feito, com uma expectativa muito grande em torno do objeto da Lingüística Aplicada e das tarefas que ela teria de iniciar desenvolvendo dentro do país. E o Instituto Yázigi tinha a experiência – não acumulada, mas, de certa forma, precursora – dos E.U.A., e..., enfim, qual o papel que veio a desenvolver?

**Matos** - Uma parte interessante da história foi que o Yázigi criou um Departamento de Estudos e Pesquisas. A primeira escola da rede, em São Paulo, foi fundada em 1950 – este ano comemoraram 50 anos –, e a escola tinha essa visão de desenvolvimento mais ampla e imaginou-se que o Yázigi poderia dar uma contribuição brasileira à metodologia. O Brasil tinha condições, perfeitamente, de oferecer suas próprias soluções pedagógicas, e criaram um Departamento de Estudos e Pesquisas, confiado a Ernest Garon, que era brasileiro de origem israelense e que de certo modo era um quase autodidata em Lingüística Aplicada. Ele tinha feito alguns estudos de Lingüística Aplicada da época e assumiu esse departamento. Uma das iniciativas dele foi a de lançar a *Estudos*, Revista de Metodologia e Lingüística. De qualquer maneira, a intenção era criar-se um veículo para divulgar as idéias dos próprios yazigianos, depois ele foi ampliando com a visão geral. Convidou-se Geraldo Cintra para publicar um artigo pioneiro sobre as vogais do português do Brasil. Também foi ele o autor sobre o Sistema de vogais e consoantes do Português em 62 e 63. Já em 63, tinha tomado

conhecimento da revista do Yázigi. Daí resultou que eles me convidaram para escrever sobre Linguística Contrastiva, no número da revista de 64. Já sabiam que estava integrado ao Programa Interamericano de Linguística. Então, o Yázigi imediatamente resolveu constituir um Conselho Técnico Nacional de que participariam Valnir Chagas, um grande especialista em Educação, Mattoso Câmara, Aryon e eu. Estrategicamente, o Yázigi constituiu esse Conselho Técnico, chamando três lingüistas para integrá-lo. Foi uma grande medida estratégica, deu mais credibilidade institucional ao Yázigi, aquela coisa toda. E com isso, o PILEI ficou sabendo; o Yázigi se representou em Cartagena. Ali estive como representante, já me fiz ouvir, e já em 1964 em Bloomington o PILEI já falava que era preciso fazer alguma coisa para articular esse trabalho de difusão da Linguística, principalmente da Linguística Aplicada. E, aí, a Diretiva PILEI, ouvindo Mattoso Câmara e Aryon, decidiu sugerir ao Instituto Yázigi, já que estando tão empenhado em promover a Linguística, que criasse um centro próprio, a serviço da Linguística no Brasil. Foi assim que o PILEI fez uma recomendação. Fernando Silva na época era o presidente, acatou a idéia do PILEI, providenciou instalações e recursos para isso, me convidando a me transferir para São Paulo. Eu estava em Montevideú, em 65, cursando o Instituto Latino Americano, que depois passou a ser Interamericano, quando recebi o convite do Yázigi. “Nós queremos que você nem volte ao Recife, já fique em São Paulo de volta de Montevideú”. E assim foi; o PILEI queria que se criasse um Centro de Linguística Aplicada, confiado a mim. Comecei a procurar um apartamento. O decisivo nisso tudo foi o fato de eu já ter publicado, em 64, em inglês, um artigo, um estudo contrastivo inglês/português, uma resenha de um livro de Fries sobre *Linguistics and Reading* e mais outros textos. Em 64, eu já estava publicando na revista do Yázigi. Isso me aproximou muito deles e levou Fernando Silva a me convidar para assumir a direção do Centro. Era o meu ideal como promover essa Linguística Aplicada no País.

**Luna** - E fora do Instituto ou do Centro, como que a Linguística Aplicada se desenvolvia no ambiente das Universidades? Por exemplo, com a sua saída do Recife ou com a sua permanência muito rápida no Recife, quem ficou à frente? Como é que se desenvolveu?

**Matos** - A disciplina estava implantada.

**Luna** - Implantada por decreto.

**Matos** - Eu tinha assumido a disciplina lá e na Paraíba. Quando ficou decidida a minha ida para São Paulo, já estava concluindo o Mestrado no Texas, José de Meira Lins – que tinha um grande curso de língua inglesa, em Recife, e tinha uma vocação imensa para o Gerativismo – ..., ele fez o mestrado e imediatamente, quando eu decidi ir para São Paulo, eu indiquei Meira Lins para o meu lugar. Ele voltou com um mestrado do Texas e assumiu. Lamentavelmente, apesar de ter muito talento e muita competência, ele não ficou mais que um ano na Universidade. Nesse ínterim, outro colega que atuava no ensino de inglês, Humberto Novelino, fez o mestrado também em Michigan, e voltou.

**Luna** - Em Linguística também?

**Matos** - Foi sim. E aí assumiu a disciplina lá em Pernambuco. Ele deu sustentação ao ensino da Lingüística em Pernambuco. Já na Paraíba, Cleusa Menezes me sucedeu e depois ficou Socorro Aragão. Veio para São Paulo, fez o doutorado dela na USP, cheguei a apresentá-la e eu acompanhei um pouco o brilhante trabalho dela na USP, onde fez o doutorado. Uma série de fatores deu grande mobilidade a minha vida. São Paulo marcou uma importante fase.

**Luna** - Você acha que, se considerarmos as tarefas de então da Lingüística Aplicada inclusive o quando da institucionalização, ou alguns anos após, alguns artigos saíram dessa linha das tarefas da Lingüística, tarefas da Sociolingüística?

**Matos** - O memorável e inspirador artigo do Aryon, certamente.

**Luna** - Depois se seguiu o do Paulino Vandressen, especificamente para tratar da Sociolingüística. Você poderia fazer uma avaliação de se aquelas tarefas foram cumpridas, se novas tarefas nós temos, ou se ainda há muito que se explorar em termos do objeto da Lingüística no País?

**Matos** - Bom, eu acho que em parte sim. Em parte cumpriu-se um pouco aquela expectativa, na medida em que o que se fazia na Lingüística era aplicação de alguns conceitos, de princípios de Lingüística ao ensino de línguas estrangeiras. Eu acho que fazia as aplicações “da” e não ainda, a rigor, do que hoje se chamaria de Lingüística Aplicada. Eu me refiro a que idéias, que conceitos de Lingüística da época eram aplicáveis, ou seriam aplicados em sala de aula, na formação do professor. A primeira grande aplicação, como eu disse, foram aqueles manuais de divulgação, do tipo os artigos no Revista *Estudos*, e outras publicações. Tratava-se mais de princípios, a ortodoxia da época, traduzida em ação pedagógica. Quer dizer, as crenças dos professores refletiam as crenças do pensamento lingüístico norte-americano da época. Falava-se da primazia da língua falada, então priorizava-se o ensino do inglês falado. Se, por um lado, a língua era percebida como um sistema de formas, que tem seus significados tais e tais, priorizava-se o ensino das formas da língua. A Lingüística Aplicada da década de 60 foi praticamente mais uma exploração de que conceitos de Lingüística e os pouquíssimos resultados de pesquisas poderiam influir na busca de um ensino mais científico. Aqui, na época, chegou-se a falar de ensino científico, de abordagem científica; quer dizer, havia um anseio pela cientificidade na pedagogia. Pensava-se: a Lingüística é ciência; como dar uma base científica à Pedagogia? Claro, a Pedagogia é a arte, ciência de ensinar, mas o anseio por uma cientificidade resultou em grande parte do marketing que se fez, pela promoção que se fazia da abordagem estrutural científica. Houve essa coisa então, essa primeira fase da aplicação de alguns princípios e conceitos; acho que até o advento dos Programas de Pós-Graduação. Aí a história muda, com o advento dos programas de pós, é quando se começa a repensar o alcance e objetivos da Lingüística Aplicada. E, ao mesmo tempo, começava-se a reconceituar a Lingüística Aplicada, vista como um conjunto de saberes, uma área que precisava construir uma identidade, a ser reconhecida e ser tratada, em nível de igualdade com a Lingüística. Até certo ponto as tarefas da Lingüística Aplicada foram cumpridas, como dizia o Aryon, no que diz respeito à língua estrangeira,

principalmente a língua inglesa. E só depois é que a Lingüística começou a beneficiar, a contribuir ao ensino de português, língua materna, e, muito curiosamente, através de obras traduzidas – uma das quais por Rodolfo Ilari, que traduziu *Lingüística e Ensino do Português*, publicado pela Almelina, em Portugal, e que foi o primeiro grande manual de Lingüística Aplicada ao ensino de Português no mundo da Língua Portuguesa.

**Luna** - Uma triangulação.

**Matos** - Muito interessante! E outra obra que veio influir de certo modo direto, ou indiretamente, em autores de gramática, foi o livro de Halliday, McIntosh e Strevens, *Ciências Lingüísticas e Ensino de Línguas*, que a Vozes publicou, em Intosh. O livro era de 64 e saiu em 71 em edição brasileira. Foi o primeiro livro a falar em registro, e o interessante aqui é quando o conceito de registro aparece. É outra coisa que a Historiografia precisa resgatar: quando, quais os primeiros usos do termo registro na Literatura Lingüística Brasileira, no ensino de português, e a persistência desse conceito, concorrendo com o termo variedade, registro formal, registro informal. Enquanto “variedades” ganha terreno por causa da própria atuação dos sociolingüistas, pois estes trabalham com a variação, variedade, variante e variável, que é uma família, o termo registro ainda resiste, e ainda aparece. E, nessa época, é interessante ver como terminologias sugeridas na década de 60 ainda são encontradas em obras brasileiras de Lingüística Aplicada; elas continuam sendo trabalhadas. Então esses dois livros foram fundamentais, tiveram um papel formativo, entre os aplicadores da Lingüística ao ensino do português.

**Luna** - Seria possível dizer que à Lingüística Aplicada hoje cabe uma responsabilidade formal ou maior para o desenvolvimento, implementação e desenvolvimento de programas de língua portuguesa, estrangeira ou internacional?

**Matos** - Indiscutivelmente, eu acho que uma boa parte, ou talvez a maior parte dos que trabalham com Português, língua internacional, iniciaram as suas carreiras, sua vida profissional com professores de língua inglesa, com francês ou outras línguas e se beneficiaram de orientação lingüística. O Português língua estrangeira tem sido também beneficiado por essas perspectivas, e é interessante até fazer um levantamento e verificar, entre estes que atuam em Português língua internacional, quantos mantêm essa dualidade; quer dizer o trabalho de Lingüística aplicada ao Português língua estrangeira, ou a outra língua, eu acho que essa dualidade aí, essa dupla lealdade profissional aplicada ao Português língua estrangeira e aplicada ao inglês, persiste. Mas, acho que já estão surgindo vocações de pessoas que já se identificam e trabalham com lingüística aplicada ao ensino de Português língua internacional. Acho que já estão surgindo vocações. Esse mestrado da USP, que é pioneiro, certamente vai criar essa consciência de que você precisa da profissionalização: em Português língua estrangeira é uma realidade, que precisa ser reconhecida e apoiada. Eu digo isso e acabei de escrever com Alvêndia P. Pinto, um artigo, *English Language Education in Brazil*, que é um retrato sobre o estado atual de alguns dos aspectos do ensino de Língua Inglesa no Brasil. E nesse texto fazemos alusão ao ensino de Português a usuários de outras línguas. É uma

coisa que merece atenção, como o surgimento do Espanhol também, a demanda pelo Espanhol, e que o Inglês não está sozinho. E há uma atenção crescente com o Espanhol e o Português língua internacional também, área emergente de grande importância, para que o leitor norte-americano da revista *ESL Magazine* se dê conta de que nós temos interesses diversificados e áreas convergentes também, e áreas estratégicas para o profissional brasileiro.

**Luna** - Você acha que nós da academia, nós que fazemos Linguística Aplicada, estamos adequada e devidamente sintonizados com o desenvolvimento de um clima de opinião favorável ao Português como língua internacional? Porque nós temos o Brasil, hoje, inserido e com objetivos maiores de inserção, em grandes mercados em grandes locos econômicos – por que não dizer, também, políticos? –, o que é vital para o desenvolvimento da língua desses países envolvidos. Você acha que nós estamos realmente sintonizados com esse processo de desenvolvimento e abertura de expansão do mercado e da economia brasileiros?

**Matos** - Sim, eu acho que embora inicialmente muito tímida, no momento em que se institucionalizou, a área se deu representatividade, através da SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. A voz dos que trabalham começa a ser ouvida e através desse esforço, dessa iniciativa da SIPLE de realizar seminários e promover aproximação de especialistas. Eu acho que já se está desencadeando não mais um clima de opinião, mas um movimento em favor do que chamo internacionalização; porque eu acho que a gente não está simplesmente satisfazendo uma necessidade local, mas concretizando a decisão estratégica de ver o Brasil como um país que pode compartilhar na linha de frente esse desenvolvimento, que até então emana muito mais de potências hegemônicas, assim como os Estados Unidos. Eu acho que a gente tem de pensar em nossa língua como instrumento de internacionalização, acreditar nisso e investir nas novas gerações. Por isso eu acho que às Universidades cabe um papel primordial, objetivando instituir um bacharelado de Português língua estrangeira, uma especialização, e chegar aos mestrados para que haja mão de obra qualificada e se perceba que a profissionalização, a formação de professores de Português língua estrangeira deve receber um tratamento igual ao que se dá à formação de um professor de língua inglesa, espanhola, francesa etc. E a formação cultural e a intercultural? E a questão de identidade, que é construída, nesse processo, que é fundamental? Então, é preciso planejar, e muito bem, e investir e ter a coragem, a ousadia de abrir espaço para português, não só para atender uma demanda que é crescente no Mercosul, mas internacionalmente, já que a língua como instrumento, como prática, como expressão de nacionalidade precisa ser promovida com inteligência, principalmente de maneira geopoliticamente estratégica, e não só com boas intenções.

**Luna** - Francisco, estamos já falando sobre planejamento, você usou já a palavra planejamento, política linguística e vivemos num país que historicamente vem se apresentando – muitas vezes até fez questão de se apresentar –, como uma nação de uma única língua, e as conseqüências daquilo que a história registra são as mais diversas e perversas possíveis. Nós vivemos, então, dentro de um ambiente acadêmico, como uma academia monolíngue, em que são poucos de

nós que conseguimos se comunicar, efetivamente, com o exterior, por deficiência no que diz respeito à nossa competência lingüística, digo em língua estrangeira. Falemos do francês, do inglês, do alemão, e até mesmo do espanhol. Eu sei que, quando nós estamos em São Paulo, de São Paulo para cima nós olhamos para esse canto do País, essa região do país, e achamos que aqui o conhecimento do espanhol é algo que existe de fato, e que há realmente por parte das pessoas proficiência na escrita e na oralidade nessa língua. O que para nós, que vivemos o dia-a-dia dentro da Universidade e fora dela, percebemos que, também, não estamos, estamos bem longe, bem aquém do que deveríamos estar, mesmo no que diz respeito ao espanhol. E eu suspeito que, em boa parte, mesmo considerando as razões históricas e culturais para esse estágio de pouco desenvolvimento lingüístico, as Universidades têm falhado bastante no que diz respeito a essa questão lingüística, porque elas têm se distanciado por se perceberem em vários momentos como não competentes o suficiente, e que a elas não cabe realmente o papel de formar competência lingüística em língua estrangeira no seu alunado. Vamos nos referir a situações que conhecemos melhor, como a Universidade em que trabalhamos, em que temos cursos como: Comércio Exterior, Turismo, dentre outros que a pressupõem. Nós todos entendemos, até os mais leigos entendem como razoável o conhecimento em inglês e espanhol. As Universidades, e a nossa em particular, têm tomado atitudes que vão da extinção de carga horária de línguas estrangeiras à oferta como eletiva dessas disciplinas dentro do currículo, o que é quase equivalente a tirar o que o aluno não tem: uma consciência do dever de aprender. E a Universidade não traduz isso, não oferta.

**Matos** - Para uma Universidade se transformar – o que é desejável e estrategicamente indispensável... É o caso da formação de especialistas em Comércio Exterior ou em Turismo. Pois um agente de turismo é um agente intercultural, a pessoa especializada em Comércio é um agente intercultural, precisa ter competências intercultural e lingüística diversificadas. Enquanto isso não puder ser viabilizado, poderá continuar a haver uma improvisação: o aluno procura preencher essa lacuna fora, com todas as lacunas e imperfeições que podem resultar. A Universidade precisa fazer sua parte plenamente como deveria. Eu acho que aí tem de se questionar e se alertar, porque a mão de obra qualificada que vai sair, deverá ser a mão qualificada, lingüística e interculturalmente, no uso do instrumento que é o instrumento para ação, para a interação e, acima de tudo, humanização, e o resultado às vezes deixa a desejar.

**Luna** - Pode colocar o negócio a perder...

**Matos** - É, não está havendo um..., imagina-se um custo muito elevado, mas os benefícios que resultariam para a própria imagem da Universidade, a própria imagem dos programas de formação e o benefício à pessoa, a Universidade não está cumprindo plenamente o seu papel, e precisa haver um chamamento da Universidade para isso: propiciar essa formação aos usuários nas línguas.

**Luna** - É uma questão de direito lingüístico?

**Matos** - Exatamente, é o direito que um aluno em um curso de Comércio Exterior tem, direito a uma instrução adequada, competente da língua

estrangeira para executar o seu trabalho e a responsabilidade da Universidade em assegurar este direito.

**Luna** - Bom, vamos caminhar para o fechamento da nossa conversa, pedindo que você fale algo sobre o ramo dentro do qual você vem lendo, escrevendo, produzindo bastante nos últimos anos, que é o da Educação Lingüística e da Lingüística da Paz. Eu acho bastante oportuno nós deixarmos um registro escrito com texto realmente para a nossa revista de Educação; algo que você queira deixar para os nossos leitores, a partir de considerações feitas, naturalmente feitas, já ontem à noite na abertura da Semana de Letras. Mas algo que você queira como contribuição, e se pudesse fazê-lo falando do estabelecimento dessa nova área, desse campo, dessa disciplina – ontem você usou exatamente essas palavras: área, campo, disciplina, que já encontram um clima de opinião bastante favorável para o desenvolvimento – e, se possível, algo do lugar dessa disciplina, desse campo dentro do País, e das tarefas que são diversas que ela vem a cumprir.

**Matos** - Primeiro, para que se possa chegar a esboçar a perspectiva do quadro atual, eu lembraria que as idéias, as primeiras reflexões que eu fiz sobre Educação Lingüística Humanizadora remontam a meados de 70. As idéias já surgiam, as primeiras indagações que eu fazia na época foram expressas em meados de 70. As primeiras idéias foram expostas em meu posfácio ao *Dicionário de Lingüística e Gramática de Matoso Câmara*, publicado postumamente em 1977. Em 75, eu já começava refletir sobre estas questões: Como podemos humanizar professores e alunos na educação lingüística? Como métodos e matérias podem ser humanizados? Essas perguntas que eu me fazia em 75 foram explicitadas no referido texto, principalmente no verbete Lingüística Humana ou Humanística. Eu escrevi 24 verbetes, e, na época, como essas perguntas me estavam muito intensas, eu me fazia muitos questionamentos: O que será humanizar? O que é isto de humanismo? Como é que a gente pode realmente humanizar a aprendizagem, o ensino, os materiais? Ao decidir fazer estas indagações, o que me levou a incluir um verbete sobre lingüística humana num dicionário de Lingüística e Gramática? Na época, ao decidir redigir o verbete, eu queria, é claro, não era atualizar o dicionário de Matoso, que era uma tarefa impossível, mas oferecer ao leitor, informar os leitores sobre algumas das orientações que estavam surgindo, alguns conceitos novos. Por exemplo, algo sobre o enfoque gerativo, algo sobre o enfoque funcional; enfim, novas maneiras de se abordar a variação. E aí eu resolvi incluir, por exemplo, uso formal, uso informal, uso neutro, que já surgiam, ocorriam em gramáticas descritivas de língua inglesa. Mas, na época, eu pensei: “Que tal dizer alguma coisa sobre Lingüística Humana ou Humanística?”. Eu vinha também refletindo sobre as idéias de Paulo Freire, as idéias de Gertrud Moskowitz sobre técnicas humanísticas no ensino bilíngüe; o livro dela de 78, que eu tinha resenhado para a Revista *System*, na Europa, foi um dos percursores da Lingüística Aplicada Humanizadora. E nesse verbete, você encontra: “Como podemos humanizar métodos e materiais?”, “Como podem ser humanizados lingüísticamente professores e alunos de línguas?”. Eu digo humanização lingüística, quer dizer, comunicativa, e então com isso, já era um indício de que eu antevia uma missão humanizadora específica para a Lingüística, já concebia a Lingüística como tendo uma função humanizadora e, a partir daí

então, eu comecei a refletir... E com o convívio, alguns anos depois, logo em 83, 84, em Paris, com pessoas da Divisão de Direitos Humanos e da Paz da Unesco, em Paris abriam-se para mim novas perspectivas para direitos humanos. Então, eu comecei a perceber que era preciso integrar as idéias que eu tinha construído, em Lingüística, com idéias oriundas de Direitos Humanos e da Paz. E isso de uma maneira muito indefinida. Mas quando, depois de refletir sobre isso, veio a idéia de que uma maneira seria de propor um tipo de declaração dos Direitos Lingüísticos, talvez fosse uma estratégia útil ou inspiradora de algum modo, ou provocadora e aí me ocorreu escrever o artigo – e este é um fato que eu sempre esclareço –, um artigo para *Voices*, *Por uma Declaração dos Direitos Lingüísticos Individuais*, que a *Voices* publicou em março. Foi uma primeira tipologia de Direitos Lingüísticos, no artigo da *Voices*, de 84, uma tipologia bem extensa, que chega a 20 itens. Comuniquei à Unesco que tinha escrito isso e eles disseram: “Faça um apelo e nós publicaremos no boletim da FIPLV (Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas)”, essa publicação era *World News*, feita por um programa que se chamava *Anthropology and Language Science for Education Development*, um programa da Unesco, que de certo modo se ocupava de Lingüística, da relação linguagem e educação. E o boletim publicou meu apelo em abril, ou seja, no mês seguinte, um *Plea*. Foi sendo distribuída aos pouquinhos, uma circulação ainda muito restrita e em 86 ela chegou ao conhecimento de David Crystal. Ele estava já para lançar a *Cambridge Encyclopedia of Language*. Quando ele recebeu o texto, não havia mais tempo para incluí-los na Bibliografia, por isso, o mencionou no Prefácio e endossando o apelo, acrescentou que a sua Enciclopédia poderia contribuir para divulgar o conceito de Direitos Lingüísticos, dizendo “*Only concentrated public attention on the issue will help*”; chamou a atenção para a necessidade de haver difusão. E o Seminário de 87, em Recife sobre Direitos Humanos e Direitos Culturais, desencadeou uma série de coisas. O interessante é que enquanto eu fiquei me ocupando da idéia de direito lingüístico, a idéia de Paz Comunicativa ficou esquecida. Em 84, eu começo a publicar sobre direitos de aprendizes, vendo a coisa não em termos abstratos, em categorias abstratas, mas olhando os usuários, os indivíduos. O que é interessante nessa questão é que o direito é coletivo e individual, mas ele só é coletivo na medida que ele é exercido por indivíduos. Foi em 90, que comecei a pensar em competência comunicativa: competência? que competência? Eu acho que essa competência, é algo mais que precisa ser explorado, e aí em 93 eu escrevi para o boletim *Sociolinguistics Newsletter*, da Irlanda, que era publicado em Dublin. Escrevi um texto fazendo um apelo, propondo um novo conceito para a Sociolingüística: “paz comunicativa”. Poucos dias depois eu mandei o texto para Dell Hymes. Ele tinha saído da Pensilvânia e estava na Virgínia. Mandei e ele não só acusou o recebimento, mas apoiou o conceito, o que pra mim foi realmente um grande incentivo. Então comecei a pesquisar o que o pessoal que trabalha com Educação para a Paz faz, no que concerne à comunicação. Isso me deixou intrigado. Olha, fala-se muito sobre a paz como se fala sobre o uso da Lingüística, mas nada se faz a respeito. Fala-se sobre a paz, comunica-se a respeito da paz, mas será que estão comunicando a paz? E o outro lado, que é o comunicar pacificamente, harmoniosamente, construtivamente, este a meu ver é o que está faltando.

**Luna** - E esse é o objeto?

**Matos** - E a Unesco, em 87 cria a LínguaPax. Um programa para orientação a estudantes de línguas estrangeiras. Era a promoção da compreensão internacional através da paz. Tem toda sua relevância, mas estava canalizada para a língua estrangeira, quando eu acho que num movimento em favor da paz comunicativa, o seu *locus* natural é a educação em língua materna primeiro, pois é aí que estão a socialização, a formação, os valores éticos, morais e o ensino; claro, estender-se à língua estrangeira, mas a Unesco preferiu começar pela língua estrangeira: o órgão da ONU estava ligado à FIPLV, e esta era mais voltada para língua estrangeira. Aí, comecei a perceber que se dá mais ênfase ao negativo, à linguagem destrutiva, ao comportamento destrutivo, talvez por um reflexo, que a humanidade faz mais isso. Tanto que o livro de Timothy Jay, *Why we curse?*, que vou resenhar, está baseado na teoria chamada Neuropsicossocial. Eu acho que se tende a valorizar pesquisas sobre uma Lingüística negativa, e o lado positivo fica esquecido. No livro de David e Hilary Crystal, *Words on Words*, trata-se um pouco de linguagem amistosa e linguagem inamistosa. A obra é muito inspiradora para explorar essa dimensão de pesquisa, para a área e sub-áreas de pesquisa em linguagem amistosa e humanizadora no vocabulário, que é nuclear, que você pode sistematizar, trabalhar em sistemas, relações semânticas. Mas por que não fazer isso também de uma maneira que você construa um saber lingüístico, que vai lhe tornar mais humano, que vai ajudar a convencer alguém, a persuadir alguém, a fazer amizades, a negociar a paz e aí um leque imenso de possibilidades “comunicativas”? É isso que eu acho que está faltando e a gente tem de dar esse recado para todos os lados, não é só dizer isso ao lingüista, porque isso pode ir e voltar, as pessoas ficam falando para eco, pode ir e voltar. No momento, encontramos as categorias que me inspiram a Negociação da Paz, a construir uma *checklist* toda voltada para a comunicação harmoniosa. E o que é segurança comunicativa? O que é segurança? Como é que um grupo pode ser ajudado a construir essa segurança? Acho que o papel da Lingüística Aplicada é ir buscar novos caminhos e novos diálogos, dialogar com áreas que aparentemente não são afins, também até explorar áreas que você imagina não serem afins e são. Acho que aí você tem maior proveito, ao meu ver: o diálogo com áreas que você imagina não terem afinidade, com a nossa.

**Luna** - E isso, Francisco, você vem fazendo, e é isso que você vai seguir fazendo?

**Matos** - Eu vou na medida do possível, como Deus me permitir. Atualmente, aproximo educadores e psicólogos da Paz dos lingüistas da Paz.

**Luna** - Tá bom, eu espero que você faça um pouco disso outras vezes aqui em Itajaí. Foi um prazer conversar contigo!

**Matos** - É só me convidar e voltarei, com o maior prazer.